




Trípticos orgânicos: construção microfilosófica de matizes


Fabrizio Tourrucô-Gasteasoro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (00040497@ufrgs.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-9842-4837>

Lisete Regina Bampi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (lisete.bampi@ufrgs.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-6832-316X>

Recibido: 03/04/2025 / Aceptado: 16/03/2026 / Publicado: 13/06/2026

Para citar este artículo:

Tourrucô-Gasteasoro, F. e Bampi, L. R. (2026). Trípticos orgânicos: construção microfilosófica de matizes. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 13(25), 57-80
<https://doi.org/10.63314/LBJG2424>

Resumo

Educar para as perguntas de um mundo em transformação? Entre materialidades e corpos, a pergunta é produtiva para: uma aula, uma rotina de estudos, construir novos pensamentos, trânsitos entre disciplinas, abrir-se ao diferente. Exploramos essa pergunta como um pensamento-superfície, com estrutura e extensão. Com Blake, um princípio estruturante conduz combinatoriamente as construções. Na perspectiva das temáticas deleuzianas do sentido e do esgotamento, expressamos e construímos uma superfície em escalas micro e macroscópicas. O orgânico, em agenciamento tríptico com o artificial e o heterogêneo, engendra, em seu cansaço, uma materialidade que se atualiza com o microscópico e que se constitui na lateralidade das redes. Em deslocamentos conceituais, a superfície incorpora atributos como rigor e expressividade, cuja sobreposição revela seus primeiros signos matizados. Em sucessivas reconfigurações, a superfície adquire densidade com corpos. As vozes da materialidade se estancam, as potencialidades dos corpos e do espaço se extenuam, alcança-se a máxima potência no incorpóreo. Matizes emergem e, em seu esgotamento, dissipam-se; tornam-se, em si, um locus de convites à construção microfilosófica. Assim, afirmamos um pensamento-superfície.

Palavras-chave: Deleuze, perguntar, estrutura, permutações, esgotado

Trípticos orgânicos: construcción microfilosófica de matices

Resumen

¿Educar para las preguntas de un mundo en transformación? Entre materialidades y cuerpos, la pregunta es productiva para: un aula, una rutina de estudios, construir nuevos pensamientos,



transiciones entre disciplinas, abrirse a lo diferente. Exploramos esa pregunta como un pensamiento-superficie, con estructura y extensión. Con Blake, un principio estructurante conduce combinatoriamente las construcciones. En la perspectiva de las temáticas Deleuzianas del sentido y del agotamiento, expresamos y construimos una superficie en escalas micro y macroscópicas. Lo orgánico, en agenciamiento tríptico con lo artificial y lo heterogéneo, engendra, en su cansancio, una materialidad que se actualiza con lo microscópico y que se constituye en la lateralidad de las redes. En desplazamientos conceptuales, la superficie incorpora atributos como el rigor y la expresividad, cuya superposición revela sus primeros signos matizados. En sucesivas reconfiguraciones, la superficie adquiere densidad con cuerpos. Las voces de la materialidad se estancan, las potencialidades de los cuerpos y del espacio se agotan, se alcanza la máxima potencia en lo incorpóreo. Los matices emergen y, en su agotamiento, se disipan; se tornan, en sí mismos, un locus de invitaciones a la construcción microfilosófica. Así, afirmamos un pensamiento-superficie.

Palabras clave: Deleuze, preguntar, estructura, permutaciones, agotado

Organic triptychs: microphilosophical construction of nuances

Abstract

Educating for the questions of a transforming world? Between materialities and bodies, the question is productive for: a class, a study routine, constructing new thoughts, transitions between disciplines, opening up to difference. We explore this question as a surface-thought, with structure and extension. With Blake, a structuring principle combinatorially guides the constructions. From the perspective of Deleuzian themes of sense and of exhaustion, we express and construct a surface on micro and macroscopic scales. The organic, in a triptych assemblage with the artificial and the heterogeneous, engenders, in its tiredness, a materiality that is actualized with the microscopic and that constitutes itself in the laterality of networks. In conceptual shifts, the surface incorporates attributes such as rigor and expressiveness, whose superposition reveals its first nuanced signs. In successive reconfigurations, the surface acquires density with bodies. The voices of materiality dry up, the potentialities of bodies and space are extenuated, and maximum power is achieved in the incorporeal. Nuances emerge and, in their exhaustion, dissipate; they become, in themselves, a locus of invitations to microphilosophical construction. Thus, we affirm a surface-thought.

Keywords: Deleuze, Question, Structure, Permutations, Exhausted

1. Perguntas e contrários

Começamos com a pergunta-título do congresso VII ALFE: Educar para as perguntas de um mundo em transformação?¹ Ela motiva um exercício que produz a própria pergunta: é possível construir um pensamento aberto para um outro, que possa ser ensinado — tanto a orgânicos quanto a artificiais? Não é de qualquer pensamento que se trata, mas de um pensamento que se afirma na diferença e na potência de produzir sentido. Ao explorar essa pergunta, produz-se uma resposta traduzida como um pensamento-superfície.

¹ Este texto corresponde à versão completa de um resumo expandido apresentado no VII Congresso da ALFE (Tourrucão-Gasteasoro & Bampi, 2025).

Como podemos prosseguir? Devemos responder? Conseguiremos? Como nos conduzir, se, ao iniciar, já produzimos uma nova sequência de perguntas? Talvez seja apenas coincidência, mas a produção de perguntas faz parte do mundo que nos espera adiante, abrindo caminhos desconhecidos e possibilidades que nos transformam no caminhar.

Sugerimos um início com os Contrários de Blake em “O Casamento do Céu e do Inferno” (Blake, 2009, p. 130). Em (Bampi & Tourrucô-Gasteasoro, 2024), os Contrários surgem de uma leitura de Blake como princípio operativo. “Without Contraries is no progression. Attraction and Repulsion, Reason and Energy, Love and Hate, are necessary to Human existence” (Blake, 2009, p. 130).²

Nossa atenção se volta para o destaque dado ao termo *Contraries*, assim como para os pares aproximados por Blake. Neste trabalho, utilizamos os Contrários como princípio estruturante — que pressupõe uma disposição ao pensamento da diferença (Deleuze, 1994, 2002). Enunciamos esse princípio da seguinte forma: a reunião de Contrários não implica a expressão da relação que os aproxima.

Há uma aproximação de Contrários na intimidade de cada passo de nossas construções analíticas. O princípio nos lembra que há também uma dimensão a ser considerada: a relação que expressa o sentido dessa aproximação — seja opositiva, exclusiva ou inclusiva; de contraste, complementaridade, concordância, proximidade, analogia, entre outras.

Em Bampi & Tourrucô-Gasteasoro (2024), apresentamos uma das formas de enunciar esse princípio: um espaço-tempo de relações deve ser problematizado nas construções analíticas, nos exemplos e nos sentidos. Seguindo Blake, representamos essa relação pelo símbolo “&”, que pode ser lido como “a relação na aproximação de Contrários”.

Com Blake, traduzimos a pergunta-título como aproximações entre os Contrários: Educar (E), Perguntar (P), Mundo (M) e Transformação (T). A pergunta se completa com preposições e artigos que os conectam e, sob essa perspectiva, definem as relações entre esses Contrários.

Neste trabalho, propomos um exercício alinhado ao princípio dos Contrários. A partir da pergunta-título, retiramos as relações dadas e listamos as 24 permutações possíveis dos quatro Contrários. Em seguida, para cada permutação, especificamos três relações, preservando a função sintática dos conectores da pergunta-título. Dessa forma, iniciamos a construção de um sistema de perguntas que oferece diferentes matizes à pergunta-título. Ao tensionar representação e diferença, Deleuze realça que é *diferindo* que se mostra a diferença, exemplificando com a obra de arte que se torna um “teatro feito de metamorfoses e de permutações” (Deleuze, 2002, p. 101). Ao articular cansaço e esgotamento, Deleuze recorre aos personagens de Beckett, que permutam termos de séries disjuntivas — irreduzíveis em sua distância —, cansados, mas sem realizar o possível (Deleuze, 2010, p. 69–70).

² Sem Contrários não há progressão. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência Humana (Blake, 2009, p. 130, tradução nossa).

Como exemplo, ao abstrairmos as relações da pergunta-título, restam quatro Contrários, denotados como EPMT, de acordo com a correspondência mencionada. Em seguida, estipulamos três relações. Ao aproximar os pares E e P por meio de conectores que preservam a função sintática daqueles presentes na pergunta, estabelecemos a primeira relação entre esses pares, denotada E&P. Em outras aproximações — exceto aquelas que recuperam a pergunta-título —, os conectores devem ser ajustados para garantir a coerência na aproximação dos Contrários, pelo menos gramaticalmente. Neste exemplo, basta utilizar os conectores originalmente presentes na pergunta. De forma geral, pensamos que observar a coerência na aproximação de Contrários, alinha-se com as permutações e é uma condição necessária para o cansaço (Deleuze, 2010).

Para obter o próximo par relacionado, M&T, replica-se o procedimento anterior. Com esses dois pares, E&P e M&T, uma última replicação resulta em (E&P)&(M&T).

Para simplificar a notação, quando o contexto permite, considera-se que EPMT já contém todas as relações necessárias para formar uma frase coerente, conforme o sentido mencionado. Neste exemplo, os conectores são apenas retirados e recolocados, sem alterações, para ilustrar o procedimento. Para que as demais permutações gerem novas perguntas, as relações definidas pelos conectores entre os pares devem ser produzidas.

Para construir um sistema de coerências a partir do conjunto de permutações, concebemos esse procedimento analítico e experimental como uma extensão das coerências presentes na pergunta-título. Denotamos esse sistema como um microcosmo. Esse microcosmo representa diferentes pontos de vista sobre a pergunta e é composto por um conjunto de microestruturas, cada uma contendo uma permutação coerente da pergunta-título. O sistema de coerências, aliado às simetrias das permutações, garante uma distribuição uniforme, ou imparcial, das diferentes possibilidades analíticas.

Sempre que mencionamos uma extensão de coerências, referimo-nos ao transporte de atributos locais para outra região de um espaço — muitas vezes em construção durante esse próprio movimento. Com Deleuze (2010), no cansaço das permutações, mas sem o esgotamento a que o espaço das relações se abre, a conexão entre diferentes perguntas geradas pelo sistema de coerências possibilita o surgimento de uma multiplicidade de matizes associados à pergunta-título.

Dessa forma, convidamo-nos a traduzir a pergunta-título. Mesmo com a pergunta matizada pela multiplicidade oferecida pelo sistema de coerências, não é nosso objetivo realizá-la (Deleuze, 2010). Para ajudar a pensar o problema por ela proposto, buscamos problematizá-la por meio da aproximação entre as partes integrantes de um exercício. Propomos constituir uma materialidade a partir de um exercício em três partes, das quais o sistema matizado é a primeira.

As partes, elas mesmas Contrários, convidam à reflexão sobre suas relações em concordância com seu princípio. Traduzimos a problematização como a constituição de relações entre as três partes do exercício que propomos.

A descrição acima corresponde ao início da construção da primeira parte do exercício, apresentado na seção 3. As duas partes restantes são desenvolvidas nas seções 2 e 4. A seção 5 discute as relações entre as seções 2 e 3, enquanto a seção 6 integra todas as anteriores e problematiza sua máxima extensão em relação ao tema do congresso e a um eixo temático. “Todas as famílias felizes se assemelham, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” (Tolstoy, 1995, p. 1, tradução nossa).

Não podemos deixar de mencionar que consideramos tolas as duas últimas partes do exercício, apenas quando olhamos isoladamente para o que nos conduz a elas. Uma das contribuições deste trabalho é a construção de um exemplo cujo esforço se justifica pelas relações estabelecidas entre as partes, sejam elas de diferença, semelhança, aproximação, contraste, entre outras. Como em Tolstoy (1995), escolhemos iniciar à nossa maneira, com Blake.

Na segunda parte, fornecemos instruções gerais a uma inteligência artificial (IA) para que realize a mesma tarefa.³ Limitamos nossa interação a duas perguntas e reproduzimos o diálogo apresentado na Seção 2. Considerando a IA como uma potencial integradora do conhecimento humano em sua máxima extensão, escolhemos utilizá-la como intercessora, traduzindo suas respostas — cada vez mais presentes no âmbito educacional — em desafios ou pontos de partida.

Na terceira parte, por meio do que chamamos de desvio heterogêneo, criamos figuras a partir de um amálgama de relatos ficcionais. Essa abordagem é concebida como uma forma de superar as limitações de sistemas fechados em si mesmos. Ao traçar redes compostas por desvios heterogêneos, imaginamos possíveis trânsitos em ambientes educacionais e de investigação, assim como sua própria organização. Os desafios encontrados no heterogêneo produzem figuras que acrescentam multiplicidade à materialidade.

Exploramos a pergunta-título como uma superfície, tanto em sua escala micro quanto macroscópica. Na escala microscópica, identificamos Contrários, relações, microestruturas e o conjunto de todas as permutações, que denominamos microcosmo. A aproximação do microcosmo às outras duas partes do exercício marca a transição para a escala macroscópica. Nesta escala, consideramos diferentes loci, entendidos como filtros — e não como um lugar ou partição de uma região.

Antes de prosseguir, como a sonoridade do texto é uma de nossas preocupações, buscamos uma solução intermediária para a sonoridade truncada de “IA” e o som desengonçado de “inteligência artificial”. Optamos por chamá-la de “Iara”, uma escolha aceita em discussões internas. Como o artigo estabelece um diálogo entre Iara e uma inteligência não artificial — ou “inteligência orgânica” —, enfrentamos a mesma dificuldade ao nomear esse outro personagem. Para manter a simetria, partimos de “IO” e chegamos a “Yoda”.

³ Usamos o modelo padrão do ChatGPT.

2. Diálogo com lara

— Para que esta conversa faça sentido para mim, posso chamar-te lara?

— Claro! Podes chamar-me lara. Como posso ajudar-te hoje?

— lara, considere quatro palavras: Educar (E), Perguntar (P), Mundo (M) e Transformar (T). Sei que existem 24 formas possíveis de permutá-las, mas estou tendo dificuldades em enxergar se existe algum padrão interessante nessas permutações. Minhas perguntas são:

Poderias transformar cada uma dessas possibilidades em algum tipo de pergunta coerente, da melhor forma que faça sentido para ti?

Tomando uma primeira permutação como exemplo, EPMT poderia resultar em: educar para as perguntas de um mundo em transformação?

Depois de terminadas as permutações, existe algum padrão que possa ser identificado entre elas?

Pensei em gerar quatro grandes grupos com as seis permutações possíveis para cada um deles. Eles seriam encabeçados por cada uma das quatro palavras fornecidas. Pode ser que isso permita sugerir alguma interpretação. Seja via interpolação de sentidos que possam ser produzidos, ou ao contrastar padrões que possam surgir dentro dos grupos ou entre eles. Agradeço se puderes ajudar-me nesta tarefa.

— Essa é uma questão muito interessante! Vamos organizar as 24 permutações em quatro grupos, cada um começando com uma das palavras iniciais. Em seguida, transformarei cada permutação em uma pergunta coerente e analisarei possíveis padrões.

2.1 Permutações

As 24 perguntas coerentes, organizadas em grupos.

Educar

EPMT - Educar para as perguntas de um mundo em transformação?

EPTM - Educar para transformar um mundo de perguntas?

EMPT - Educar um mundo de perguntas em transformação?

EMTP - Educar um mundo em transformação por meio das perguntas?

ETPM - Educar para transformar perguntas sobre o mundo?

ETMP - Educar a transformação do mundo por meio das perguntas?

Perguntar



PEMT - Perguntar educa um mundo em transformação?

PETM - Perguntar transforma a educação num mundo em mudança?

PMET - Perguntar muda a educação em um mundo em transformação?

PMTE - Perguntar transforma um mundo educado?

PTEM - Perguntar transforma a educação do mundo?

PTME - Perguntar transforma o mundo educado?

Mundo

MEPT - Mundo educado pergunta e transforma?

METP - Mundo educado transforma perguntas?

MPET - Mundo perguntador educa e transforma?

MPTE - Mundo perguntador transforma a educação?

MTEP - Mundo em transformação educa por meio das perguntas?

MTPE - Mundo em transformação pergunta para educar?

Transformar

TEPM - Transformar a educação para perguntas sobre o mundo?

TEMP - Transformar a educação para um mundo perguntador?

TMEP - Transformar o mundo educando por meio das perguntas?

TMPE - Transformar o mundo perguntando sobre a educação?

TPEM - Transformar perguntas em educação para o mundo?

TPME - Transformar perguntas para educar um mundo em mudança?

2.2 Padrões

Identificação de padrões entre os grupos. Ao comparar os grupos, alguns padrões interessantes surgem:

Educar enfatiza a educação como um meio ou uma resposta às questões do mundo e da transformação. Perguntas parecem surgir como elementos fundamentais da aprendizagem.

Perguntar sugere que a curiosidade e a interrogação impulsionam tanto a educação quanto a transformação. Há uma relação entre perguntar e mudar o mundo.

Mundo é destacado como agente ou contexto das mudanças, ora sendo educado, ora perguntando, ora sendo transformado.

Transformar sugere que tanto educar quanto perguntar são elementos essenciais para transformação, associando mudança ao aprendizado e à curiosidade.

Além disso, pode-se notar que cada grupo propõe um modo diferente de encarar o conhecimento. Educar sugere um processo ativo de construção. Perguntar sugere um movimento inicial que instiga mudanças. Mundo aparece como palco e agente das transformações. Transformar surge como resultado ou objetivo da educação e das perguntas. A organização das perguntas dentro dos grupos também mostra variações sutis de sentido, e compará-las pode levar a reflexões sobre a relação entre aprendizado, questionamento e mudança.

— Gostaste dessa abordagem? Algum outro critério ou padrão que gostarias de explorar?

3. Perguntas de Yoda

No! No different! Only different in your mind. You must unlearn what you have learned (Yoda).⁴

Como construímos uma microestrutura? A tradução da pergunta-título começa com sua subdivisão em elementos menores, neste caso, agrupamentos de palavras. A segunda etapa depende das relações estabelecidas entre esses elementos. Para essa construção, optamos por preservar as funções sintáticas desses grupos de palavras. Para isso, é necessário examinar separadamente os Contrários e seus conectores.

A pergunta-título é conduzida por “Educar”, que direciona sua atenção para as “Perguntas” e as situa em um “Mundo” que se encontra em “Transformação”. A microestrutura é constituída por três partes. A primeira apresenta o tema da pergunta e o relaciona a um objeto ou objetivo. A segunda relaciona o par seguinte de Contrários para compor um contexto. A terceira situa o tema e seu objetivo em relação com o contexto particular.

À medida que entre Contrários passam a condensar-se relações e começamos a expressá-las como microestruturas, ou estruturas em uma escala micro, percebemos que esses termos adquirem maior complexidade. A perspectiva que retemos sob a possibilidade de permutá-los, em parte, sustenta uma tensão que preserva a relação que remete à pergunta-título e, por outra parte, continuamente as reconfigura em distensão ao acompanhar como condição e efeito a própria permutação. Aliando à complexidade e aos movimentos próprios de cada Contrário, a totalidade das permutações e as tensões e distensões nas relações, com Deleuze (1994, 8), encontramos suporte para fundamentar e articular nossas

⁴ Não! Não diferente! Diferente só na sua mente. Você precisa desaprender o que aprendeu (Yoda, tradução nossa).

construções por meio das noções de séries e de estruturas, estas com vocação para expressar sentidos nas superfícies pelas quais circulam (Deleuze, 2005, 226-227).

Na descrição anterior sobre o que relaciona os Contrários, anunciamos parte do que queremos que Yoda preserve nas permutações. Para completá-la, é necessário compreender quais são as três relações que constituem a pergunta-título. Essas relações são definidas pelas preposições que conectam os Contrários: “para”, “de” e “em”. É por meio de “para” que “Educar” se direciona às “Perguntas”. A preposição “de” situa esse foco da atividade educativa em um contexto. Esse contexto, por sua vez, é complexo: um ambiente “Mundo”, situado “em” um processo que descreve sua dinâmica de “Transformação”.

Levamos esse entendimento da microestrutura para a construção das permutações de Yoda na subseção 3.1. Buscamos preservá-lo ao máximo, realizando apenas as alterações estritamente necessárias por razões de coerência gramatical.

O que conduz a pergunta-título está no centro do que podemos chamar de movimento. No caso de “Educar”, esse movimento corresponde à ação ou ao transporte das “Perguntas” a um “Mundo em Transformação”, ou seja, do seu objeto ou objetivo ao contexto. Dessa forma, o Contrário que conduz a pergunta pode ser entendido como uma função que relaciona dois objetos.

Procedimentos analíticos, muitas vezes, introduzem transformações em estruturas ao abstrair objetos ou funções. Denominamos *zoom out*, afastar ou reduzir, o efeito da primeira transformação que abstrai objetos e retém a função. De forma recíproca, *zoom in*, aproximar ou ampliar, corresponde ao efeito da transformação que abstrai a função e retém os objetos. Em geral, não priorizamos uma abordagem em detrimento da outra, pois ambas se relacionam e, por vias distintas, oferecem diferentes compreensões para um problema. No exercício que começamos a explorar, nas permutações e nas demais seções, evidencia-se a possibilidade dessa sobreposição analítica.

3.1 Permutações de contrários

Educar

EP: Educar para as Perguntas

MT: Mundo em Transformação

TM: Transformação no Mundo

Educar para as Perguntas de um Mundo em Transformação?

Educar para as Perguntas da Transformação no Mundo?

EM: Educar para um Mundo

PT: Perguntas em Transformação

TP: Transformação nas Perguntas

Educar para um Mundo de Perguntas em Transformação?

Educar para um Mundo da Transformação nas Perguntas?

ET: Educar para um Transformar

PM: Perguntas no Mundo

MP: Mundo nas Perguntas

Educar para um Transformar com as Perguntas no Mundo?

Educar para um Transformar do Mundo nas Perguntas?

Perguntar

PE: Perguntar sobre o Educar

- MT: Mundo em Transformação
- TM: Transformação no Mundo

Perguntar sobre o Educar de um Mundo em Transformação?

Perguntar sobre o Educar da Transformação no Mundo?

PM: Perguntar sobre um Mundo

- ET: Educação em Transformação
- TE: Transformação na Educação

Perguntar sobre um Mundo com a Educação em Transformação?

Perguntar sobre um Mundo com a Transformação na Educação?

PT: Perguntar sobre o Transformar

- EM: Educação no Mundo
- ME: Mundo na Educação

Perguntar sobre o Transformar da Educação no Mundo?

Perguntar sobre o Transformar do Mundo na Educação?

Mundo

ME: O Mundo que Educa

- PT: Perguntas em Transformação
- TP: Transformação nas Perguntas

O Mundo que Educa as Perguntas em Transformação?

O Mundo que Educa a Transformação nas Perguntas?

MP: O Mundo que Pergunta

- ET: Educação em Transformação
- TE: Transformação na Educação

O Mundo que Pergunta sobre a Educação em Transformação?

O Mundo que Pergunta sobre a Transformação na Educação?

MT: O Mundo que Transforma

- EP: Educação em Perguntas
- PE: Perguntas em Educação

O Mundo que Transforma a Educação em Perguntas?

O Mundo que Transforma as Perguntas em Educação?

Transformar

TE: Transformar o Educar

- PM: Perguntas no Mundo
- MP: Mundo nas Perguntas

Transformar o Educar com as Perguntas no Mundo?

Transformar o Educar com o Mundo nas Perguntas?

TP: Transformar o Perguntar

- EM: Educação no Mundo
- ME: Mundo na Educação

Transformar o Perguntar com a Educação no Mundo?

Transformar o Perguntar com o Mundo na Educação?

TM: Transformar o Mundo

- EP: Educação em Perguntas
- PE: Perguntas em Educação

Transformar o Mundo com a Educação em Perguntas?

Transformar o Mundo com as Perguntas em Educação?

4. Um desvio heterogêneo

Não há mundo que não se manifeste na variedade de suas partes, de seus lugares, de suas margens e das espécies que os povoa. Não há indivíduo que seja absolutamente idêntico a outro indivíduo [...]. Infere-se daí a diversidade dos próprios mundos sob estes três pontos de vista: os mundos são inumeráveis, frequentemente de espécies diferentes, às vezes semelhantes, sempre compostos de elementos heterogêneos (Deleuze, 1994, p. 267).

Ao utilizar o nome Lara em nossas construções, a motivação que nos conduz a esta seção poderia ser considerada tola: a curiosidade despertada sobre suas origens. Por outro lado, essa motivação conduz ao desvio heterogêneo que se distingue de Lara e de Yoda, principalmente pelas relações que estabelece com este último. De esta breve incursão heterogênea, retornamos com figuras que, nas seguintes seções, acrescentam multiplicidade, densidade, novas possibilidades e, com isso, expressividade às construções.

Encontramos diversas versões da lenda de Lara, também chamada de Mãe-d'água. Na literatura brasileira, destacamos quatro versões que nos chamaram a atenção: Assis (1994), Alencar (1998), Bilac (1919) e Andrade (2022). Ao satisfazer nossa curiosidade, essas leituras poderiam ser consideradas encerradas. No entanto, elas representam um desvio na construção das ideias do texto, que parte delas para, de forma inesperada, a elas retornar. As seguintes incursões, propositalmente sucintas, almejam motivar a construção de figuras para cada Contrário.

Machado de Assis cria Sabina, uma escravizada que Otávio, o senhor moço, inicialmente confunde com uma sedutora Mãe-d'água. Apesar de terem anseios distintos, Sabina e Otávio se envolvem. Dessa relação, resultam gravidez e abandono. À beira do rio, Sabina cogita tirar a própria vida, mas desiste ao pensar na criança. A notória preocupação de Machado de Assis sobre sua atualidade e sobre o “Mundo”, como a Lei do ventre livre, refletem-se em sua obra e nas figuras que podemos criar com elas. Figuras: sofrimento, resignação e superação.

José de Alencar cria Alice, uma menina fascinada por um lago que desperta um terror velado no espírito daqueles que a rodeiam. Sua curiosidade é ainda mais instigada pela lenda da Mãe-d'água. Sob a ótica da menina, a lenda se cumpre em sua própria experiência. Já pela ótica do autor, nada há de sobrenatural; a explicação para a tragédia encontra respaldo no natural. A ótica de José de Alencar, com sua explicação natural que não ofusca a fantasia, oferece figuras para o “Educar”. Figuras: abismo, exemplaridade e explicação.

Olavo Bilac incorpora a lenda como era conhecida em seu tempo, trazendo-a para dentro de si. Um abismo interior que se desfaz em espuma. Em sua busca por uma expressividade que revele os aspectos interiores do autor, Olavo Bilac pode fornecer figuras para o “Perguntar”. Figuras: introspecção, imaginação e sensibilidades.

Mário de Andrade cria Macunaíma, um herói da transformação. Para vingar-se de uma traição do herói, Vei, a Sol, trama seu encontro com Uiara. Como na lenda, apesar da longa vacilação, Macunaíma acaba caindo na armadilha. Ele luta, desfigura-se, não recupera a perna e perde a muiquitã, sem a qual a vida já não tem sentido. Seu destino final é transformar-se em constelação. Mário de Andrade e seu herói às avessas, com suas transfigurações, ajudam a pensar figuras sobre o “Transformar”. Figuras: transformação, cansaço e esgotamento.

Mais adiante, veremos que as permutações provocam movimentos relativos que traduzimos na necessidade de gerar figuras para, com elas, com as relações e com os Contrários construir e expressar sentidos. Quando a curiosidade que nos levou a este desvio tornou evidente a existência de figuras, começamos a perceber que o exercício passaria a configurar-se com estrutura tríptica. Adiante mencionamos que essa estrutura não é atípica, em particular quando pensamos em ambientes educacionais.

5. Estruturas e figuras

Por que estabelecer um diálogo com Iara? Ao menos, porque ela pode escrever textos, entender perguntas e, além disso, tem a capacidade — insuperável se relativizada à orgânica — de acessar e relacionar fontes de conhecimento. Ainda que isso demonstre a notável evolução dos algoritmos, sabemos que ainda estamos diante de um processo em constante desenvolvimento, algo que se revela aos poucos, à medida que o compreendemos, sobretudo a partir do que foi possível entender na construção da seção 2. Neste ponto, admitimos o potencial para a tolice que mencionamos acima. Como se já não fosse o suficiente, esse potencial para o erro pode ainda se propagar, dependendo das decisões analíticas. Contudo, na qualidade de intercessora, esse mesmo potencial para o erro cria condições para diálogos.

Qual é o potencial para o diálogo? Sob a ótica orgânica, especialmente no processo de produção de conhecimento, a essência do que fazemos não muda. Continuamos a produzir conhecimento, em parte, apoiados naqueles que nos antecederam. Estabelecemos redes de cooperação e intercâmbio na produção do conhecimento. Iara pode ampliar e intensificar todos esses aspectos.

Nos tornaremos obsoletos, eventualmente? Estender o pensamento até essa extrapolação é tarefa árdua, repleta de tempos, espaços e experiências, e não faz parte dos objetivos que escolhemos para este trabalho.

Qual posição iremos assumir? De forma aproximadamente ideal, dentro das limitações que tendem a ser rapidamente superadas, consideramos Iara uma boa intercessora. Um pensar

pode ser motivado ao avaliar as respostas dadas à tarefa solicitada. Para nós, a melhor posição é a de um desafio: sabendo que esse é o melhor que essa intercessora pode produzir, conseguimos melhorá-lo ou oferecer-lhe um novo ponto de vista? Com isso, passamos a acompanhar o raciocínio de Iara.

5.1. Iara & Yoda

Nosso objetivo não é estabelecer uma disputa sobre acertos, erros ou qualidade das respostas. Muito menos imaginar que o algoritmo, apesar de lhe atribuirmos um nome humano, se comporte de tal forma a ponto de querer levá-lo ao divã — se nos permitirmos a hipérbole. Uma tolice maior, entretanto, seria estabelecer uma relação de servidão entre o orgânico e o artificial, independentemente do direcionamento dado a ela. Nosso posicionamento está relacionado à busca por oportunidades na diferença.

De forma geral, na subseção 2.1, as perguntas formuladas foram compreendidas. No entanto, existem algumas incoerências entre as permutações e as perguntas. Além disso, verificamos quebras de regularidade na ordem de apresentação das permutações. Como a maioria das escolhas de relações entre as perguntas não é mantida, a uniformidade na distribuição não pode ser alcançada.

Na subseção 2.2, os padrões não aparentam ter conexão com as permutações e perguntas apresentadas na subseção 2.1. Talvez esses padrões estejam enraizados em um senso comum compartilhado, emergindo a partir de um objeto externo que se sintetiza em uma identidade reconhecida (Deleuze, 1994, 12), ou, quiçá, manifestem apenas uma coerência parcial, restrita a um subconjunto das perguntas analisadas. Essa sensação de resposta vazia não é incomum se considerarmos que, como educadores, ocasionalmente nos deparamos com trabalhos que exibem características semelhantes, que se intensificaram com o advento das Iaras.

Escolhemos reter aspectos mais gerais e qualitativos. Em particular, as diferenças que buscamos não residem na comparação entre as perguntas de Iara e Yoda.

5.2. Microestruturas

Como mencionamos acima, a busca de Yoda incorpora a preservação da estrutura como critério na construção das perguntas. Não devemos pensar, por exemplo, que das construções emergem certas simetrias quando fomos nós mesmos que as introduzimos parcialmente por meio das permutações. De outra forma, o critério escolhido é condicionante, o que torna tautológicas eventuais buscas por padrões. Entretanto, a rigidez derivada da escolha de critérios na construção se mostra produtiva, pois é somente dessa forma que conseguimos produzir o que chamamos de sistema matizado. Com Deleuze (2010), este sistema resulta do cansaço na totalidade das permutações, assim como das coerências que acompanham todos os movimentos de construção.

Em lara, a não imposição dessa restrição resulta em um sistema globalmente inconsistente, devido à existência de algumas incoerências locais. Apesar disso, a coerência é dominante, à proporção aproximada de cinco coerências para cada incoerência local. Em particular, no grupo Mundo da subseção 2.1, todas as perguntas geradas são coerentes com as instruções fornecidas para sua construção. Quando examinamos qual é o principal condutor da ação na frase, vemos que Transformar é o mais frequente, seguido pelos outros dois Contrários. As perguntas desse grupo deslocam o foco da ação para os demais, tornando neutra a problematização por matizes a partir de Mundo como condutor da pergunta.

Em particular, na subseção 2.2, o padrão identificado por lara para Mundo contrasta com o dos demais Contrários devido à sua função passiva. Esse contraste não é totalmente surpreendente, se o considerarmos como uma propagação da inconsistência local do grupo Mundo na subseção 2.1. Como a formulação das nossas perguntas a lara foi feita propositalmente de forma aberta, a fim de não interferir no padrão de suas respostas, é possível que as inconsistências detectadas possam ser atribuídas à necessidade de fornecer instruções mais precisas. Especificamente, é possível que lara precisasse de instruções adicionais para lidar com uma irregularidade relativa: um substantivo entre verbos conduzindo os grupos. Essa sutil diferença fornece uma direção particular para as construções no microcosmo de Yoda.

A organização escolhida para as variações das permutações na subseção 3.1 busca destacar a forma como as relações foram atribuídas a cada par de Contrários. O processo inicia-se fixando uma possibilidade para o primeiro par, que determina o condutor da pergunta e sua relação com o objeto ou objetivo da ação. Em seguida, variam-se as duas possibilidades do par que expressa o contexto. A terceira relação permite formular as perguntas correspondentes ao conectar condutores e seu objeto ou objetivo a uma dessas variações contextuais. Para garantir a coerência global ao longo dessa sequência de atribuição de relações, busca-se assegurar uma coerência local em cada pergunta. Assim, cada uma delas constitui uma microestrutura.

5.3. Figuras para contrários

Na seção anterior, criamos a figura do condutor da pergunta para o primeiro par de Contrários com o objetivo de superar as dificuldades de lara em alcançar uma coerência global. Essa criação de uma figura é entendida como a emissão de uma singularidade “que corresponde às relações que traçam o espaço da estrutura” (Deleuze, 2005, p. 231). Assim como a figura é uma emissão que se expressa em movimento pela estrutura, é possível, se quisermos, direcioná-la às séries heterogêneas relacionadas por Deleuze (1994, 8) como parte das condições estruturais gerais. O direcionamento pode ser tanto para uma série “significante” como para uma “significada” (Deleuze, 1994, 8).

No caso do condutor, esse direcionamento, em um procedimento análogo a um *zoom in*, recai sobre o primeiro Contrário desse par. A figura que corresponde à relação, em seus traçados pela estrutura, ela mesma posta em movimento pelas permutações, recai sobre

cada Contrário. Em particular, a partir das dificuldades mencionadas de Iara, para Mundo, é necessário que ele possa conduzir a pergunta da mesma forma que os demais Contrários.

Para Educar e Perguntar, surgem, respectivamente, as figuras do educador e do filósofo. Já para Transformar, podemos pensar em uma figura que cria novos códigos ou normas — um codificador ou normatizador. Mundo, por sua vez, pode ser entendido como um complemento, oferecendo um olhar externo em relação às demais figuras. Esse olhar externo pode ser compreendido como uma inversão da condução: ou os demais Contrários tornam-se passivos em relação a ele, ou, caso estejam em movimento, o foco recai sobre a contemporaneidade. Assim, criamos uma figura para Mundo que complementa os outros condutores: a do atualizador ou contemporâneo.

No que se refere ao microcosmo, as figuras construídas até agora foram pensadas para os Contrários. No entanto, seu alcance é mais amplo e abarca toda a extensão das construções apresentadas neste trabalho. Enquanto nos mantemos restritos ao microcosmo, em toda a seção 5, antecipamos que diferentes formas de complementaridade entre estruturas e figuras serão desenvolvidas. Assim como as figuras emergem para cada Contrário, também surgem para cada relação. Ao participarem do estabelecimento do sistema de coerências nas permutações, essas figuras expandem-se das microestruturas para todo o microcosmo.

O pensamento de Deleuze (1994, 8) manifesta-se nas relações diferenciais e nas singularidades, cujas emissões denominamos figuras. Essas figuras proporcionam multiplicidade e expressividade dentro de uma microestrutura, ao mesmo tempo que conferem robustez e organicidade ao microcosmo. A organicidade pode ser entendida como a atualização da expressividade no microcosmo, viabilizada pelas relações diferenciais entre microestruturas. A robustez se estabelece da mesma maneira em relação à multiplicidade.

Para concluir esta subseção e antecipar a próxima, examinamos as inversões do segundo par, cujas permutações podem ser conferidas antes das perguntas construídas na seção 3.1. Esse enfoque se justifica pela possibilidade de gerar novas permutações a partir da composição de inversões das relações entre quaisquer pares de Contrários. Assim, as relações diferenciais entre as inversões são uma forma mais elementar de construir figuras dentro de uma microestrutura.

Nas diversas inversões e permutações, surgem contextos inusitados que resistem à atribuição de sentido, ou um não-senso que anuncia seu próprio sentido (Deleuze, 1994, 11). Tomemos, por exemplo, a primeira inversão, MT, e sua inversa, TM. Na posição que ocupam — a da segunda relação — essas aproximações representam um contexto. É evidente que a permutação dos Contrários gera um contexto de significado distinto. Mas, qual sentido ele assume? Assim como ocorre com uma figura, a relação diferencial entre ambos os pares nos leva a construí-lo a partir das particularidades de suas dinâmicas.

Entendemos um contexto como um complexo formado por dois Contrários: o primeiro diz respeito à materialidade do contexto (aquilo que condiciona ou restringe); o segundo contém as possibilidades mais gerais para os movimentos do primeiro. Nessa relação, a

inclusão surge naturalmente. Como os movimentos do primeiro são escolhas dentro das possibilidades oferecidas pelo segundo, podemos pensar a materialidade como um elemento incluído nesse universo de escolha.

A possibilidade de um conjunto ser simultaneamente contido e contendo outro é utilizada para denotar a igualdade de conjuntos. Isso seria trivial se esse fosse o modelo aplicado aos contextos. No entanto, a simultaneidade que ocorre aqui não é a de um presente estático, mas a de um devir (Deleuze, 1994, 1). Dessa forma, a relação de inclusão é preservada como coerência nas permutações, permitindo alcançar uma sobreposição de objetivos: compreender a estrutura da pergunta-título e, ao mesmo tempo, contrastá-la com configurações alternativas de contextos.

5.4. Figuras para relações

Com as figuras atribuídas a cada Contrário e a relação de inclusão, compreendemos os mecanismos de produção de sentido entre duas séries, MT, ou sua interpretação como uma atualidade que se reconfigura segundo os códigos de algo que a contém. Já em sua inversa, TM, os códigos são os da própria atualidade. Como ambos não são estáticos, as relações diferenciais entre eles sugerem que os movimentos ocorrem em ritmos distintos: T altera-se mais rapidamente que M, ou a materialidade de M torna-se mais lenta em relação a T. Dessa dinâmica, emerge a figura do ritmo para os Contrários.

A diferença de ritmos, aliada à relação de inclusão, permite a construção de uma nova figura para a relação. Se o Contrário que se modifica mais rapidamente está contido por outro, sugere-se a figura do cansado. Nesse ritmo, os espaços são ocupados com maior facilidade e as fronteiras podem ser ativadas. Na situação inversa, quando o incluído é o mais lento, sugerimos a figura do contemporâneo. Aqui, as escolhas tornam-se possíveis à medida que o universo se expande. As fronteiras não são alcançadas nem ativadas, e o que, à primeira vista, poderia parecer passividade revela-se uma riqueza de oportunidades de escolha. Dessa forma, para as relações, criamos as figuras do passivo e do ativo, do contemporâneo e do cansado (Agamben, 2013; Deleuze, 2010).

Ainda sobre os Contrários, percebemos que existe uma ordem dada pelos ritmos. Na complexidade das interações coletivas, o Educar é o mais lento de todos. Pela potencial suficiência na intimidade, o ritmo do Perguntar supera o do Educar. Ambos, entretanto, são superados por Mundo na materialidade das suas realizações. O Transformar supera a todos na sua virtualidade, tendo potencial para afetar, mas não dependendo de interações, individualidades ou materialidades. A pergunta-título é única na monotonicidade crescente de ritmos, onde todos os contrários são contemporâneos.

Nessa configuração de ritmos, cada contexto ativo nas permutações possui um inverso passivo. Pela implícita simetria das permutações, a distribuição desses aspectos é uniforme: seis pares são ativos e outros seis, passivos. Para as demais relações, mantendo-se o aspecto inclusivo, as figuras do ativo e do passivo são atualizadas.

Nosso propósito não é o de um rigoroso cansaço, mesmo ao propor permutações em totalidade. Para isso, teríamos que explorar as diferentes atualizações das figuras. Com base nos exemplos fornecidos, economizamos cansaço ao utilizar as regularidades da estrutura ao sugerir extensões. Nessa economia, podem surgir as grandes novidades e diferenças que buscamos nas aulas do dia a dia: “não precisamos procurar diferenças profundas nas profundidades para manifestar novidades na educação” (Bampi & Camargo, 2016, p. 5). As próprias diferenças que surgem do pensamento-superfície podem manifestar acontecimentos que possibilitam recriações na aula.

6. Matizes

No! Layers! Onions have layers. Ogres have layers! Onions have layers. You get it? We both have layers (Shrek).⁵

Consideramos as construções nas seções 2, 3 e 4 como parte de uma materialidade. Em Matemática, os grafos ajudam a compreender essa materialidade como uma rede, formada por um conjunto de vértices conectados entre si por arestas. O propósito dessas seções foi o de constituir três vértices, representando um primeiro e mínimo movimento de construção.

Na seção 5, inicia-se um segundo tipo de movimento, associado aos desvios ou arestas que representam as intersecções entre os vértices. Em uma escala macroscópica, no desvio entre Lara e Yoda, as relações diferenciais destacam a presença de microestruturas em Yoda — em contraposição à sua ausência em Lara. Essa relação permite uma atualização da noção de microestrutura, que passamos a denominá-la estrutura na escala macroscópica. De forma análoga, as figuras também são atualizadas. Tanto para as estruturas quanto para as figuras, os termos robustez e organicidade passam a ter um sentido macro, além do microscópico.

Nesse desvio, as relações diferenciais colocam em movimento séries que denominamos colapsos. Variação, diferença e movimento são primários para essa série que não está composta de objetos, nem é limitada por eles. Colapsos independem de um observador e não estão sujeitos a uma faculdade ativa. Eles tampouco são determinados pela estrutura; ao contrário, possuem potencial para participar de sua criação e expressão na superfície (Deleuze, 1994, 6).

Colapsos iniciam-se em séries de diferenças e trazem um potencial para algo novo: uma disjunção que resiste à assimilação conjuntiva, mas que não impede sua emergência (Deleuze, 1994, 24). A persistência do movimento disjuntivo produz uma ruptura na superfície, ao vazio são lançados os objetos em uma vertiginosa queda em direção ao profundo. A necessária ruptura se estabelece simultaneamente à emergência que resiste a

⁵ Não! Camadas! Cebolas têm camadas. Ogros têm camadas! Cebolas têm camadas. Captaste? Ambos temos camadas (Shrek, tradução nossa).

se elevar em relação à superfície. A breve vertigem se dissolve à medida que a superfície se recompõe e se reorganiza ao acomodar as séries — antigas e novas. A nova série soma-se às antigas e, conjuntamente, configuram uma estrutura. Dessa forma, colapsos se configuram como um procedimento análogo ao que denominamos *zoom out* na seção 3.

Esse movimento não gera algo que possa ser situado no trânsito entre os vértices da materialidade. A convergência dessas séries não pode ser localizada dentro da materialidade: ela não se associa a nenhum vértice específico, mas deles deriva e a eles se refere. Essa convergência é capturada pelo locus dos corpos.

Utilizamos um diagrama triangular para sintetizar as construções e os movimentos descritos. Na base, situamos dois vértices e, na aresta que os conecta, situamos o desvio. Nos trânsitos que esse desvio possibilita, localizamos as relações diferenciais. A partir desses vértices, duas novas arestas se projetam e se encontram em um terceiro vértice. Ao longo dessas arestas, movem-se os colapsos. No terceiro vértice, dispomos a convergência desses colapsos, capturada pelo locus dos corpos.

No corpo resultante da convergência das séries entre Lara e Yoda, situamos tanto uma estrutura quanto as figuras que nela se sustentam. Esses movimentos serão replicados ao longo do texto, especialmente nas relações diferenciais entre Yoda e o Heterogêneo da seção 4, conformando um diagrama recombinante. O corpo acima terá outro ao qual poderá se ligar sob a forma de um desvio. Este, por sua vez, gerará uma última replicação no texto. Dessa intersecção de corpos, emergirão novos colapsos, cuja convergência gera matizes capturados pelo locus dos incorpóreos.

À guisa de conclusão, as próximas subseções possuem múltiplas finalidades, às quais nos dedicamos de forma sucinta. Nosso objetivo é apresentar exemplos em cada locus, explorar a máxima extensão das construções e articulá-las tanto com o tema do congresso quanto com um eixo temático. A ordem da escrita não é linear, pelos próprios movimentos do pensamento, mais próxima de um passeio heterogêneo ou de um aprender.

6.1. Materialidades

A partir da materialidade, convergem figuras que situamos no locus dos corpos. Os diagramas das nossas construções são ascendentes apenas para fins de clareza expositiva. Percebemos que o trânsito é livre e que as hierarquias são inexistentes. Figuras que surgem no corpo podem, eventualmente, retornar à materialidade.

Na materialidade, a atualização das figuras criadas a partir dos contextos invertidos oferece um meio de enfrentar alguns dos desafios colocados pela pergunta-título. As certezas que, de tempos em tempos, circulam pelo mundo precisam apoiar-se em um determinado discurso, escolher uma configuração específica de fatores e produzir seus próprios regimes de verdade (Foucault, 1995).

A multiplicidade das figuras pode oferecer uma forma matizada de superar as limitações impostas pelas certezas, como as visões dicotômicas do mundo. Como proceder? Escolher

uma configuração específica e explorar sua coerência até o fim? Queremos o atual na educação ou uma educação na atualidade? Que forma de pensar abre caminhos? Qual permite ocupar rapidamente os espaços? Qual deles é mais relevante para o filósofo, o normatizador e o criador de códigos? Quais são suas potências nesses contextos? Ainda há escolhas a fazer ou já se instalou o cansaço? E, se houver cansaço, pode o contexto oferecer oportunidades aos educadores, ou apenas reproduzi-lo?

A materialidade pode acolher toda a multiplicidade de matizes. Nas repetições dos trânsitos, figuras e estruturas se recombina e estendem-se. Não precisamos estar presos: a uma partícula de uma microestrutura; a uma microestrutura de um microcosmo; a um microcosmo de uma materialidade; ou mesmo a uma materialidade isolada.

Na estrutura reside o rigor analítico. O rigor se desenvolve em estreitos laços com a estrutura, sendo esse seu principal trunfo. A flexibilidade de uma estrutura, portanto, passa a ser a mesma do rigor. E a flexibilidade de criar estruturas depende, em essência, de liberar as relações que fixam os Contrários, permitindo que o rigor que as acompanha seja simultaneamente transmitido e transformado.

Consideramos esse princípio estruturante, que acompanha os Contrários, como um convite filosófico. Ele possibilita a construção de estruturas nas quais tanto o rigor analítico quanto as expressividades encontram apoio. Essa pode ser uma forma de dialogar com as laras que já estão entre nós e com aquelas que ainda emergirão — intercessoras diante das quais nos colocamos para, a partir dos diálogos, escolher os desafios a serem enfrentados.

No contexto educacional, as disciplinas podem assumir essa característica estrutural. O rigor tem o potencial de torná-las mais relevantes. Afinal, lara executa tarefas com facilidade, consegue permutar e cansar uma pergunta.

O desvio heterogêneo pode, por si só, ser uma figura relevante. Em parte, se a fragmentação atual do conhecimento e das especialidades resulta da progressiva criação e acumulação de saberes desde a Antiguidade, com as laras esse potencial se amplifica significativamente. Por outro lado, há também um potencial para reduzir as dificuldades dos Yodas no encontro entre saberes de diferentes disciplinas, onde emergem conexões vivas que produzem novos sentidos e possibilidades de pensamento-superfície. Assim, os desvios heterogêneos se somam como figuras para trânsitos potencialmente relevantes, inclusive com o auxílio das laras.

Se as disciplinas representam a estrutura, os trânsitos deixam de ocorrer apenas entre elas e passam a acontecer no próprio conhecimento. Nesse contexto, a capacidade de reconfigurar estruturas e estabelecer trajetórias heterogêneas — até mesmo as tolas — ganha mais materialidade e relevância. As redes, concebidas como um conjunto de trajetórias e possibilidades de trânsito no pensamento, no conhecimento, no material e no virtual, tornam-se igualmente relevantes ao conectar a diversidade das criatividades em Yodas.

A criatividade dos Yodas que transitam por redes possui uma materialidade pragmática. Assim como podem ser ativadas, também podem ser desativadas. Tentativas de torná-las

previsíveis e integrá-las rigidamente a uma estrutura parecem ter pouca efetividade. O foco tanto na estrutura quanto nessas redes heterogêneas tem o potencial de revelar aspectos mais produtivos nos diálogos com as laras.

Na escala macroscópica, grafos e diagramas estruturam construções e relações. A partir de um movimento iniciado na escala microscópica e capturado pelo locus das materialidades, estabelecemos três vértices para cada parte do exercício: o orgânico, o artificial e o heterogêneo. As arestas que conectam esses vértices formam redes dentro das materialidades. As relações diferenciais nessas redes colocam em movimento séries que denominamos colapsos e sua convergência é capturada pelo locus dos corpos.

6.2. Corpos

De lara e Yoda partem séries que emitem figuras e uma estrutura que as sustenta. As figuras, apoiadas na estrutura, aumentam a densidade da construção. A própria multiplicidade das figuras contribui para esse aumento. De outra forma, a expressividade densifica corpos.

Se a materialidade possui desvios que se oferecem em relações diferenciais, um corpo adquire outras formas de, progressivamente, aumentar sua densidade. É o que acontece no colapso de Yoda e o Heterogêneo. Nele, opera-se de forma inversa: emitem-se figuras que sustentam uma estrutura. A ligação da estrutura com o corpo é menos densa, pois é somente a partir de uma correspondência com os Contrários que ela se manifesta. Essa correspondência, entretanto, é suficiente para indicar a possibilidade de densificar o corpo com certa coerência.

Com o último colapso, um novo vértice é capturado pelo locus dos corpos. Um novo diagrama triangular é replicado. O diagrama oferece suporte para disposições similares: desvios, relações diferenciais, colapsos e trânsitos. Porém, no vértice colapsado, existe um corpo às avessas, onde as figuras assumem destaque e a estrutura se apoia nelas. Esse novo colapso mostra a flexibilidade dos corpos, das figuras e da própria estrutura. Somos surpreendidos com a mesma multiplicidade das figuras refletida em todos os aspectos do corpo.

Não podemos dizer que esse corpo deixa de ser simétrico devido às permutações e coerências. As figuras que se associam à estrutura não alteram as simetrias, apenas adicionam multiplicidade. As relações diferenciais em lara e Yoda mostram que é suficiente alterar localmente as coerências para que a simetria seja quebrada.

Surgem corpos cuja densidade é determinada pelas figuras, cuja imparcialidade é conferida pela estrutura e cujos desafios são incorporados com os desvios. Um corpo pode enfatizar rigor e simetria, enquanto outro destaca heterogeneidade e expressividade. Esse corpo nos faz pensar sobre os corpos filosóficos e educativos que aceitam nosso convite. Estará ele equipado para lidar com os problemas que as certezas nos trazem? Bons atributos existem:

múltiplo, flexível, estruturável, desmontável, remontável, invertível, nunca acabado, sempre aberto.

A simetria da estrutura, quando existente, pode ser pensada como um equilíbrio na distribuição de alternativas. Dessa forma, um eventual viés analítico não pode ser atribuído ao corpo. Corpos que resultam de emissões singulares nas redes heterogêneas da materialidade não estão impedidos de retornar em trânsitos. Em outras palavras, a heterogeneidade não é um empecilho para o eventual retorno de um corpo simétrico.

6.3. Incorpóreos

Surge outra estrutura em mais uma replicação do diagrama triangular: a de um diagrama triangular recombinante. Esse diagrama não tem altura nem espessura; lembremo-nos de que buscamos figuras para expressar-nos com clareza. O que ele tem de particular? Sua principal característica é ser um recurso que usamos para entender as construções, tendo acesso ao micro e ao macroscópico que existe em cada parte. Cada replicação produz algo diferente, uma nova diferença, mas o princípio se repete.

O diagrama expressa as construções e os trânsitos pelos loci: as relações diferenciais de um locus emitem singularidades que colapsam em outro. Partindo da escala microscópica, a máxima extensão dessas emissões singulares é capturada pelo locus dos incorpóreos. A ele chegamos com uma sobreposição de corpos invertidos. Com eles, produzimos sentido com matizes. Devido ao caráter replicante do diagrama, as produções de sentido estão presentes em todas as construções, micro e macroscópicas.

Assim, chegamos a algo que tivemos desde o começo: matizes. Uma forma particular de pensá-los mais concretamente é como figuras de figuras, em uma série de recursividade infinita. Para que pudéssemos capturá-los, precisamos de vários colapsos nas materialidades e corpos. Com isso, produzimos matizes como a emissão de uma singularidade designável na estrutura do diagrama (Deleuze, 1994, 15).

Corpos e matizes, com suas propriedades, percorrem e expandem as redes. Ao serem capturados pelos incorpóreos, os matizes sustentam todos os corpos, com rigor e expressividade, com imparcialidade e flexibilidade. A flexibilidade dos matizes, por sua vez, reflete a própria capacidade de sustentar um corpo e seu inverso, alcançando uma máxima multiplicidade. Nos corpos, a progressiva fragmentação das especialidades e a integração do conhecimento tornam a relação entre estrutura e o heterogêneo ainda mais relevante?

A força dos paradoxos reside em que eles não são contraditórios, mas nos fazem assistir à gênese da contradição. O princípio de contradição se aplica ao real e ao possível, mas não ao impossível do qual deriva, isto é, aos paradoxos ou antes ao que representam os paradoxos (Deleuze, 1994, p. 92).

Os colapsos distanciam matizes dos corpos e das materialidades. Paradoxalmente, por eles transitam matizes. A escala microscópica e os matizes mantêm uma máxima distância. Paradoxalmente, compartilham uma máxima intimidade e proximidade. Incorporando as

inversões dos corpos, os matizes invertem o próprio diagrama que os estrutura. Recombinante como o diagrama, eles se conduzem pelo microscópico, pelas materialidades e pelos corpos. Os matizes, em si mesmos, tornam-se locus de convites para uma construção microfilosófica de matizes. Dessa forma, afirmamos a construção de um pensamento-superfície.

Nossa materialidade foi uma — simples — pergunta. Com ela, geramos um microcosmo, um universo próprio que recebe corpos, sentidos, estruturas, figuras, diálogos e trânsitos. Os corpos podem densificar-se com figuras, juntar-se a outros corpos, heterogêneos ou invertidos. Podemos transitar pelos seus órgãos e materialidades, do micro ao macroscópico, afastando-nos até o mais colapsado deles para, de uma forma matizada, virá-lo ao avesso e permitir que de seu interior surja um órgão recombinante.

Em nosso tempo, com os desafios de mundos em transformação, atravessados por embates sobre e entre certezas, um sistema matizado de perguntas poderia possibilitar um pensar que não se sinta julgado e que, ao mesmo tempo, não julgue? De forma sucinta, podemos pensá-lo como um convite a uma construção microfilosófica de matizes. Com matizes, pensamos ser possível interagir em materialidades como multiplicidades, construindo pensamentos-superfície. Desse modo, interagimos como educadores, filósofos, contemporâneos ou codificadores, de uma forma diferente com o mundo, com seus novos e recém-chegados.

Referencias

- Agamben, G. (2013). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Argos.
- Alencar, J. M. d. (1998). *O tronco do ipê*. Ática.
- Andrade, M. d. (2022). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Antofágica.
- Assis, J. M. M. d. (1994). *Obras completas*, Volume 3. Nova Aguilar.
- Bampi, L. R. & Camargo, G. D. (2016). Didática do meio: o aprender e o exemplo. *Educação e Pesquisa*, 43(2), 327–340.
- Bampi, L. R. & Tourrucô-Gasteasoro, F. (2024). Carta a un niño: Diálogo & Expressão. *Revista Presencia. Miradas desde y hacia la educación*, 9(1), 105–125.
- Bilac, O. (1919). *Tarde*. Francisco Alves.
- Blake, W. (2009). *Antología bilingüe*. Alianza Editorial.
- Deleuze, G. (1994). *Lógica del sentido*. Paidós Ibérica.
- Deleuze, G. (2002). *Diferencia y repetición*. Amorrortu.
- Deleuze, G. (2005). *La Isla desierta y otros textos*. Pre-Textos.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro: um manifesto de menos; O esgotado*. J. Zahar.
- Foucault, M. (1995). *Microfísica do poder*. Graal.
- Tolstoy, L. N. (1995). *Anna Karenina*. Norton. A. Maude translation.
- Tourrucô-Gasteasoro, F. & Bampi, L. R. (2025). Permutações de Contrários & Pensamento-superfície: o orgânico, o artificial e o heterogêneo. In *VII Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación*.
- VII ALFE (2025). VII Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación. Santiago, Chile.

Fabrizio Tourrucôo-Gasteasoro

F. Tourrucôo-Gasteasoro es doctor en Matemáticas por la University of Delaware, EUA, profesor DERI-UFRGS, Brasil. Integrante de un grupo de investigación en Deleuze. Áreas de interés: Matemáticas, Filosofía, Educación y Economía.

Lisete Regina Bampi

Lisete Regina Bampi: Licenciatura en Matemáticas por la UFRGS, Máster y doctorado en Educación por la UFRGS. Profesora DEC/FACED/UFRGS, Brasil. Actualmente coordina la investigación Traducciones: Archivos & Objetos & Construcciones.